

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL III

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patrícia Vasconcelos Almeida
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Prof^a Dr^a Patrícia Vasconcelos Almeida

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Alborno, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lívia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol III / Organizadoras Mauriceia Silva de Paula Vieira, Patricia Vasconcelos Almeida. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-26-2

DOI 10.37572/EdArt_280121262

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vieira, Mauriceia Silva de Paula. II. Almeida, Patricia Vasconcelos

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



APRESENTAÇÃO

O volume 3 do livro ***“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”*** se organiza a partir do diálogo entre discurso e objetos culturais e possibilita refletir sobre a construção de sentido nos diferentes discursos e saberes que entremeiam a sociedade. A construção de sentido é rio que corre, que flui, que retorce e que encontra pedras e, ainda assim, segue seu curso em busca do mar e do todo que o compõe. De forma análoga ao rio, também o discurso segue seu curso e se constitui a partir de múltiplas vozes, situadas em um contexto político histórico e social. Vozes que se orquestram, que possibilitam o embate e que provocam o debate. Essas vozes dialogam, ainda, acerca da literatura e de outras linguagens, evidenciando um trabalho com a língua(gem) em suas diferentes manifestações. Essas diversas produções artístico-culturais evidenciam a diversidade de saberes, a riqueza de identidades e de culturas e provocam encantamentos. Como bem postula Calvino (1995, p.39), “a literatura como função existencial” pode bem representar “a busca da leveza como reação ao peso do viver”. Assim, em uma dimensão ética e estética da produção, difusão e circulação dos textos e dos discursos na sociedade, o sentido engendra-se como uma co-construção, alicerçada no contexto, nas estruturas linguísticas mobilizadas e na análise das múltiplas vozes, dos valores, das crenças e ideologias que entremeiam os dizeres. Dessa forma, os textos que compõem este terceiro volume convidam o leitor à reflexão e contribuem para uma discussão profícua sobre discursos, literatura, tecnologias e objetos culturais.

Mauriceia Silva de Paula Vieira
Patricia Vasconcelos Almeida

SUMÁRIO

DISCURSOS E OBJETOS CULTURAIS

PARTE 1: DISCURSO, DISCURSOS

CAPÍTULO 1.....1

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DE PASTORES NO PARLAMENTO BRASILEIRO:
COMO O DISCURSO ALIMENTA O ÓDIO.

[Yuri Barbosa de Morais Pessoa](#)

[Ana Paula Rabelo](#)

[Patrício Carneiro Araújo](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212621

CAPÍTULO 2.....20

FUTEBOL E EVANGELIZAÇÃO EM UMA CAMPANHA MISSIONÁRIA: PERCURSOS DE
MEMÓRIA EM ANÁLISE DO DISCURSO

[Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212622

CAPÍTULO 3.....32

ESTRATÉGIAS DE DOMINAÇÃO LINGUÍSTICO-DISCURSIVA: UM ESTUDO DE CASO
DA PALAVRA *MUDANÇA* EM DOIS DISCURSOS POLÍTICOS DO BRASIL

[Dayse Alfaia](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212623

CAPÍTULO 448

EL PRESIDENTE Y EL MASHI: INTERACCIÓN Y ETHOS EN EL RESUMEN EN KICHWA
DE LOS ENLACES CIUDADANOS DE RAFAEL CORREA

[María del Pilar Cobo González](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212624

CAPÍTULO 5.....65

FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE DISCUSSÃO POLÍTICA: UMA ANÁLISE DE
COMENTÁRIOS *ONLINE*

[Rainhany Karolina Fialho Souza](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212625

CAPÍTULO 6 81

DISCURSOS E USOS DO APLICATIVO *WHATSAPP* COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA POR PROFESSORES DE LÍNGUAS DO IFTM

[Mariana Nuccitelli Simões](#)

[Welisson Marques](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212626

CAPÍTULO 7 91

CRONOTOPO DO ENDEREÇAMENTO E EXCEDENTE DE VISÃO NA ESCRITA DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

[Fabrício José da Silva](#)

[Rosângela Rodrigues Borges](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212627

CAPÍTULO 8..... 110

LA SEMIÓTICA COMO DIMENSIÓN ONTOLÓGICAMENTE CONSTITUTIVA DEL ESPACIO GEOGRÁFICO. APORTES A LA TEORIZACIÓN DEL ESPACIO

[Emilas Darlene Carmen Lebus](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212628

CAPÍTULO 9 124

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

[Pilar Cordeiro Guimarães Paschoal](#)

DOI 10.37572/EdArt_2801212629

CAPÍTULO 10..... 136

TORCER, RETORCER, DISTORCER E DESTORCE: NOTAS SOBRE FUTEBOL, HOMOFOBIA E PERTENCIMENTO

[José Aelson da Silva Júnior](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126210

PARTE 2: LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS

CAPÍTULO 11..... 149

POEMAS METALINGÜÍSTICOS PARA CRIANÇAS: ESTILOS DE SE CONCEBER E ENSINAR POESIA

[Ana Elvira Luciano Gebara](#)

DOI 10.37572/EdArt_28012126211

CAPÍTULO 12	159
A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO A PARTIR DO TEXTO POÉTICO DE MANOEL DE BARROS	
Ana Carla de Azevedo Silva Verônica Maria de Araújo Pontes	
DOI 10.37572/EdArt_28012126212	
CAPÍTULO 13	173
OS SENTIDOS E O ESTILO DE CACASO EM <i>GRUPO ESCOLAR</i>	
Guaraciaba Micheletti	
DOI 10.37572/EdArt_28012126213	
CAPÍTULO 14	190
A MODERNIDADE E A CATÁSTROFE DO URBANO EM <i>LEÃO-DE-CHÁCARA</i> E O <i>GUARDADOR</i> , DE JOÃO ANTÔNIO	
Beatriz Meneses do Nascimento	
DOI 10.37572/EdArt_28012126214	
CAPÍTULO 15	200
AUTOCONSTRUCCIÓN EN <i>DOS VECES JUNIO</i> DE MARTÍN KOHAN: PERSPECTIVA, GÉNERO E IRONÍA	
María Angélica Vega	
DOI 10.37572/EdArt_28012126215	
CAPÍTULO 16	208
AS LÍNGUAS COMO PONTES: ABORDAGEM DA INTERCULTURALIDADE E DO PLURILINGUISMO LITERÁRIO EM PLE	
Isabelle Simões Marques	
DOI 10.37572/EdArt_28012126216	
CAPÍTULO 17	219
LEITURA COMPARTILHADA: UMA EXPERIÊNCIA COM CRÔNICAS LITERÁRIAS NA SALA DE AULA	
Eliene Cristina de Jesus Vera Lúcia da Rocha Maquêa	
DOI 10.37572/EdArt_28012126217	

CAPÍTULO 18	234
CONSIDERAÇÕES SOBRE A DESCENDÊNCIA DA MÚSICA ARMORIAL NA CONTEMPORANEIDADE: MUDANÇA E CONTINUIDADE	
Marília Paula dos Santos Carlos Sandroni	
DOI 10.37572/EdArt_28012126218	
CAPÍTULO 19	243
ALÍCIA VEGA E O TALLER DE CINEMA PARA CRIANÇA: ESPAÇO DA ALEGRIA, DA EMOÇÃO E DA ARTE.	
Verônica Pacheco O Azeredo Inês Assunção de Castro Teixeira	
DOI 10.37572/EdArt_28012126219	
CAPÍTULO 20	253
A LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA COMO MEIO DE FORMAÇÃO E DE DISSEMINAÇÃO DO CONHECIMENTO	
Maria dos Anjos Pereira Rodrigues Lorena Michelle Bonifácio dos Santos Danilo Bizinotto Borges Vinícius Fonseca Maciel Felipe Mendes Marques Mateus Rosa Machado Júnior	
DOI 10.37572/EdArt_28012126220	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	263
ÍNDICE REMISSIVO	264

CAPÍTULO 14

A MODERNIDADE E A CATÁSTROFE DO URBANO EM *LEÃO-DE-CHÁCARA* E O GUARDADOR, DE JOÃO ANTÔNIO

Data de submissão: 22/11/2020

Data de aceite: 21/12/2020

Beatriz Meneses do Nascimento¹

<http://lattes.cnpq.br/6159811233437474>

RESUMO: O trabalho dedica-se a tratar dos centros urbanos forjados na modernidade, a fim de entender a maneira na qual esse meio influencia e é influenciado pelos que, apesar de residirem no centro, estão às margens da vida social. Para tal, trabalhamos o conto “O Guardador”, pertencente ao livro *Abraçado ao meu rancor*, e dentro do livro *Leão-de-chácara*, o conto “Paulinho Perna Torta”, todos da autoria de João Antônio.

¹ Atualmente mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura - Pós-lit do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, desenvolvendo pesquisas na área de Crítica Literária Dialética. beatrizmenesesdonascimento@gmail.com

As narrativas contam com protagonistas malandros ou ainda pertencentes ao submundo das cidades, mostrando o esfacelamento, ou ainda a desconstrução destes diante das modificações provocadas pela modernidade, bem como os efeitos promovidos por um mundo marcado por constantes vicissitudes. Partimos, portanto, da relação texto/contexto, sob a perspectiva dos estudos relativos à modernidade, nos propondo a investigar as andanças e virações das personagens protagonistas, em meio ao caos e desumanização, bem como os efeitos que provocam à formação das identidades.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade; Urbano; João Antônio.

ABSTRACT: This article deals with the urban centers forged in modernity in order to understand the way in which it influences and is influenced by those who, although residing in the center, are on the margins of social life. For this, we worked on the story O Guardador, belonging to the book *Embraced to my grudge*, and in the book *Lion of the farm*, the tale Paulinho Perna Torta, all by João Antônio. The narratives include rogues protagonists or still belonging to the underworld of the cities, showing the shattering, or the deconstruction of these

before the modifications provoked by the modernity, as well as the effects promoted by a world marked by constant vicissitudes. We start, therefore, from the text / context relationship, from the perspective studies dealing with modernity, proposing to investigate the wanderings and turns of the protagonist characters, amid the chaos and dehumanization, as well as the effects that causes the formation of identities.

INTRODUÇÃO

João Antônio foi um jornalista e escritor nascido na capital paulista. Filho de operários criador do conto-reportagem no jornalismo brasileiro e contista que se tornou conhecido por retratar os proletários e marginais que habitam as periferias das grandes cidades.

João Antônio dedica sua escrita à tradução dos seres marginalizados, seja na figura dos guardadores de carros, do ladrão, das prostitutas, dos mendigos, ou seja, daqueles que, mesmo pessoas, nos aparecem como verdadeiras características da modernidade, uma vez que parecem ser o subproduto das grandes metrópoles. Esses habitantes das ruas, que rotineiramente são esquecidos pela “alta literatura”, precisam, pois, de um olhar que permitisse o estudo de tais seres. Gigolôs, jogadores de sinuca, guardadores de carro, engraxates, policiais, todos esses símbolos da vida moderna são eternizados por sua escrita.

Pensando na temática abordada pelo autor, faz sentido que estivessemos atentos ao estudo da modernidade e das personagens por ela criadas, uma vez que a vida nas ruas, os marginalizados, os habitantes dos becos, os seres relegados pelas grandes metrópole podem nos ajudar a entender como esse espaço contribui para a formação dessas identidades, e como se dá a relação entre as mudanças que parecem ocorrer em ambos em concomitância.

As alterações nas cidades provocadas pelo advento da modernidade são ainda hoje presentes na dinâmica social. Pensando em tais alterações, o presente trabalho se propõe a investigar de que maneira a hostilidade das cidades interfere, ao mesmo tempo em que compõe, a trajetória e construção identitária das personagens protagonistas, que tentam sobreviver em meio ao caos e desumanização do meio urbano forjado na ascensão da modernidade.

A análise parte da premissa de que a construção da individualidade se dá, na modernidade, dentro de uma coletividade variada e múltipla, em meio a dinâmica do cotidiano, sendo, portanto, socialmente constituída. Daí a importância do estudo das personagens nos espaços de que fazem parte, uma vez que suas vivências se comportam “como verdadeiros textos da vida urbana.” (GOMES, 2006 p. 189)

Para tal, nos atemos a duas obras de João Antônio, que compõem o foco da análise literária proposta pela pesquisa, *Leão-de-chácara*, segundo livro escrito pelo autor, publicado em 1975 reunindo quatro contos, e *O guardador*, conto presente no livro *Abraçado ao meu rancor*, 1986. A escolha dos textos literários se dá pela afinidade que apresentam com a temática da modernidade, nos permitindo identificar os símbolos modernos em meio à narrativa, além da presença constante do dito “malandro” e da figura do “morador em situação de rua”, que, como símbolo da modernidade e da própria cultura brasileira, aparecem como verdadeiros frutos da vida urbana. João Antônio, ao tratar das personagens pertencentes a esse “submundo” das ruas, nos mostra dois olhares lançados sobre tipologias à margem da sociedade, em um momento destacando-se pela astúcia e em outro, consciente da realidade, opta por não ser o bandido pleno.

A escolha do aporte teórico se dá justamente por entendermos a necessidade de uma teoria que converse com aqueles que são esquecidos às margens, e que se preocupasse em lançar o olhar, despido de julgamentos valorativos, sob a cultura que emana das ruas, a dita “baixa cultura”, além disso, era essencial uma teoria que auxiliasse no entendimento da modernidade como agente de mudanças no espaço e nas personagens, tornando essencial o trabalho a partir de uma metodologia e um aporte teórico alicerçados nos estudos da modernidade.

O GUARDADOR

O conto é um retrato do dia a dia de um guardador de carros que, apesar de viver no centro da cidade, está à margem da vida urbana. Vive dentro do oco de uma árvore no estacionamento em que trabalha e até mesmo seu nome faz referência à sua casa, Jacarandá, o que já nos chama a atenção uma vez que entendemos que “A ideia de cidadania possui em sua base um componente espacial.” (GOMES, 2006 p. 130) ‘PARTE DO ESPAÇO...

A narrativa é constantemente permeada por aspectos da modernidade latente, como o “garoto mulambento” e a própria existência do guardador, além de outros “pingentes urbanos”, conforme ele mesmo denomina os que, como ele, levam a vida na informalidade.

As diferenças econômicas são evidentes ainda que nos detalhes. Jacarandá fala sobre os motivos pelos quais as pessoas pagam a ele e, conforme observado por ele, poucos entendem a miséria em si, outra parcela, classe média, quer se ver livre do pedinte, mas ainda existe o fator de manutenção do status social, onde alguns não deixam de dar dinheiro porque “não ter cai mal”.

Ainda no que tange à disparidade social, o contraste fica claro, mas visto de um novo ângulo quando o protagonista faz a constatação de que ele era o único que de fato trabalhava. O mito da meritocracia se desfaz em uma observação que à primeira vista nos parece simples. Mas, na contramão da situação em que se encontra, O Guardador rejeita a ideia de se envolver com o crime e busca se manter com o dinheiro que ganha, mesmo que a ideia passe pela cabeça dele, como podemos observar quando ele diz que “Para afastar as más inclinações pedia outra dose.” Apesar de não aderir à delinquência, a imagem do “bom malandro” que usa da astúcia para benefício próprio ainda está impressa quando o narrador afirma que Jacarandá é safo como passista de escola de samba.

O tratamento dispensado às pessoas em situação de rua e aos “pingentes” num geral é marcado pelo desprezo e pela animalização, uma vez que estes são comparados a “ratos sujos”. Esses mesmos desprezados são também caçados como animais pelo estado por meio dos “cata-mendigos”, que conduzem coercitivamente essas pessoas em retirada dos centros urbanos com o objetivo de disfarçar as cidades para turistas, quase como se a retirada deles fizesse parte da limpeza da cidade.

Essa suposta “limpeza da cidade”, aponta para uma fragmentação desse espaço, onde a multiplicação dos espaços comuns parece ser constante, mas, como o comum não é sinônimo de público, não podem ser ocupados por todos os habitantes das cidades, em especial aqueles que, mesmo quase sempre espacialmente situados em meio aos grandes centros citadinos, estão à margem do acesso aos espaços. Espaços esses que, por sua vez, não devem ser interpretados aqui com visão valorativa positiva, uma vez que, repletos de distrações da era do entretenimento e do smartphone, limitam a comunicação daqueles que supostamente teriam acesso ao convívio social e a cidadania (GOMES, 2006 p. 174)

Mas o que de fato impressiona nessa situação é o quanto ela não nos surpreende. Nem sequer é capaz de nos causar estranhamento. Estamos habituados aos “caos organizado” dos centros urbanos, entendemos, sem ressalvas ou inquietações, que a organização passa pela invisibilização daqueles que, mesmo sendo produto do nosso sistema e fundamentais para a manutenção do mesmo, causam certo desconforto ao serem vistos, fazendo da indiferença o carro chefe das relações, em um ambiente que constantemente pode ser confundido a um campo de batalha, conforme corrobora Marcella Donne:

“A brutal indiferença, o insensível isolamento de cada um no seu interesse pessoal ressalta de forma tanto mais repugnante e ofensiva, quanto maior é o número destes indivíduos singulares que estão concentrados num espaço restrito; e ainda que saibamos que este isolamento do indivíduo, este estreito egoísmo é por toda a parte o princípio fundamental da sociedade de hoje, em nenhum lugar, porém, se revela de forma tão frontal e aberta, tão consciente

como aqui, na multidão da grande cidade. (...) a guerra de todos contra todos, é aqui declarada abertamente” (CELLE DONNE, 1990, p. 181)

Toda essa indiferença não pode ser naturalizada como característica eminentemente humana, mas sim como proveniente de um arranjo maior e muito bem estruturado: “Pessoas aqui, tráfego ali; trabalho aqui, moradias acolá; ricos aqui, pobres lá adiante; nomeio, barreiras de grama e concreto, para que os halos possam crescer outra vez sobre as cabeças das pessoas.” (BERMAN, 1986 p. 162).

É preciso pensarmos também em como surgem novos poderes que atribuem uma hierarquia até mesmo dentre os mais afastados do alto dos jogos de poder, uma vez que “Deve-se pagar como se o estacionamento fosse privativo.”, onde o guardador assume para si a posse de um local até então público, contribuindo para a degradação física e moral destes espaços. (GOMES, 2006 p. 178/9).

PAULINHO PERNA TORTA

Paulinho perna torta é um menino de rua que busca sobreviver como pode. Faz de tudo um pouco para ganhar dinheiro: engraxa sapatos, lava carros, leva e traz recados e até faz pequenos furtos.

Acaba cativando Laércio Arrudão, um mulato, dono de botequim, muito conhecido por seus feitos duvidosos. Agradando-se do rapaz, Laércio emprega Paulinho em seu boteco e lhe dá as primeiras lições sobre a vida e a malandragem: “...quem gosta da gente é a gente. Só. E apenas o dinheiro interessa. Só ele é positivo. O resto são frescuras do coração”. Já conhecido como Paulinho da Perna Torta, apelido que ganhou por causa de uma briga de bar, começa sua trajetória conturbada assumindo diversos papéis: cafetão, assassino, traficante.

Ao não se encaixar em nenhum grupo social de “prestígio”, o protagonista parece também relegado (...) [da] cidadania, que é como um pacto social estabelecido simultaneamente como uma relação de pertencimento a um grupo e de pertencimento a um território (GOMES, 2006 p. 173), do qual está preterido Paulinho, que mesmo agora fazendo parte do grupo marginalizado, não compõe um grupo que, em meio a exclusão, consiga se estabelecer como detentor desta cidadania.

Segundo o protagonista, Paulinho, ele mesmo e os que são, ao menos no início da narrativa, como ele, isto é, os infelizes são aqueles que trabalham para o lucro dos “malandros”. Sem direito a ter “vontades” e ensinados a viver com pouco: “me ensinaram que meu negócio era ver e desejar. Parasse aí.” (ANTÔNIO, 1989, p.62).

A história dele é marcada por explorações, trabalhava como engraxate e tinha que dar parte do dinheiro ao jornalista dono da banca em que ele e tantos trabalhavam:

“A Júlio Prestes dava movimento e éramos explorados por um só. O jornalista. Dono da banca dos jornais e das caixas de engraxar, do lugar e do dinheiro, ele só agarrava a grana. Engraxar, não; ele lá com seus jornais.” (ANTÔNIO, 1989, p.63). Nos é exposta uma cadeia de exploração, vemos uma hierarquização entre os que, mesmo não ricos, tiram proveito da classe operária e os miseráveis.

Entregues à fome, as personagens que vivem em privação e são constantemente zoomorfizadas: “A gente na rua parecia cachorro enfiando a fuça atrás de comida” (ANTÔNIO, 1989, p.62). Para contornar a desgraça fazia todo tipo de trabalho: vender jornal, lavar carro, vender bugigangas e outros mais. Qualquer oportunidade era aproveitada, sem grandes contestações, como revelou Paulinho: “A fome ensina”.

Não aguentou as lamúrias da vida. Se entregou às drogas. Envolveu-se em todo tipo de atividade. Buscou sobreviver como podia. Se entregou a trambicagens. Ao fim, vive à espera de que a polícia o encontre. Encontre este que, após tanto viver à margem da vida, se colocou no topo da marginalidade.

Bem jovem, passava suas noites em uma pensão junto de outras pessoas que junto a ele nos aparecem como um panorama dos marginalizados de uma metrópole. Neste lugar onde dormiam desde pequenos trabalhadores e mendigos até autores de pequenos furtos, Paulinho parece terminar sua formação.

Passa a ter repulsa e não se vê como pertencente a aquele espaço. Passa a morar em bairros nobres e possui casas enormes em tamanho e em abundância, conseguidas com o dinheiro do tráfico. Essa mudança de ambientes representa para nós a inevitável trama de poder a que esse “bandido”, agora rico, é arrastado. A “volta por cima” dada pela personagem prece performar um símbolo da vitória dos pertencentes ao submundo, uma vez que sendo “um de nós” ele passa a ocupar o lugar de “representante dos pobres” que integra hoje a classe dos ricos. (HOBSBAWM, 1976, p. 86)

Sempre fora instruído a valorizar o dinheiro: “Laércio começava a me escolar que quem gosta da gente é a gente. Só. E apenas o dinheiro interessa. Só ele é positivo. O resto são frescuras do coração” (ANTÔNIO, 1989, p.78) e parece ter incorporado bem os ensinamentos.

No entanto, esse mesmo dinheiro é o que o separa daqueles com quem sempre compartilhou espaço e valores, ao afirmar: “Arrependo-me de morder só duzentos cruzeiros. Malandro tem é que andar com muito.” (ANTÔNIO, 1989, p. 74), Paulinho não parece prever que teria uma quantia muito maior, e que essa mesma quantia faria com que deixasse de ser o pleno “malandro”.

A MODERNIDADE E SEUS EFEITOS QUE CONTRIBUEM/CULMINAM PARA/NA A HOSTILIDADE DA VIDA URBANA

Dessa maneira, podemos concluir que toda a grande cidade é hoje a imagem do mundo inteiro, espaço homogeneizado sob o signo da coexistência pacífica e, ao mesmo tempo da discriminação dos ghettos do terceiro mundo (CELLE DONNE, 1990, p. 211), aqui representado pela figura das duas personagens.

As mudanças ocorridas nos espaços transformam também esses personagens, e ambos se degradam pouco a pouco. As personagens se adaptam às mudanças brutais da modernidade e passam a ser também composição do meio, tanto ao buscarem a sobrevivência no centro dessas transformações, quanto ao se afastarem dela buscando também resistir à hostilidade dos centros urbanos.

Em “Paulinho perna torta”, por exemplo, o narrador se incomoda com características latentes da modernidade e a maior fonte de sua inquietude parece ser o barulho: “os bondes comem os trilhos, é um barulhão que estremece até as casas; os trens da Sorocabana e da Santos-Jundiaí vão se repetindo lá em cima do viaduto da Alameda Nothmann, carregados e feios. Gente se pendura até nas portas” (ANTÔNIO, 1989, p. 76). O barulho que causa incômodo é retratado de maneira a parecer agressivo, como se o barulho das máquinas tão cotidianamente fosse uma lembrança constante de como tudo muda e se torna mais pessoal e esmagador a cada dia.

A multidão também aparece aqui como elemento caracterizador da vida moderna nos centros urbanos. O bonde cheio e os centros onde (...) parece nascer gente do chão (ANTÔNIO, 1989, p. 69) são reflexo dessa massa que caminha sem olhar para os lados, quase como se cada um estivesse sozinho, a multidão aqui representada como uma figura quase bestial, um monstro que parece sair do chão, marca mais uma vez para nós a violência desse espaço, que é super habitado e ao mesmo tempo vazio, fazendo parecer que correm e se degladiam pela pressa e pela impessoalidade uns contra os outros.

A percepção dessa batalha constante se dá de uma outra forma no texto do Guardador, uma vez que está colocado, apesar de ser centro da metrópole, em um espaço que de certa forma o blinda da multidão das pessoas, o colocando frente pouco a pouco uma a uma. No entanto, essa multidão aparece para nós materializada na grande quantidade de carros que passam todos os dias por onde ele vive, aparentando ser uma multidão de máquinas onde, muitas vezes, esquecemos que são guiadas por pessoas.

Essa sensação de “público” que temos ao pensarmos esses espaços, rua, bonde, estacionamento, pode nos passar a errônea e inocente ideia de democratização dos ambientes, uma vez que muitas pessoas coexistem ao mesmo tempo. Entretanto, é preciso

pensar esses espaços ditos públicos dentro de uma esfera de construção privativa, onde a cidadania de uns é relegada e o convívio não se dá plenamente, como coloca Gomes:

“O arremedo de cidade dá lugar ao nascimento de uma cidadania fragmentada ou, sem exagero, a um simulacro da condição de cidadania. O homem público procura se reproduzir em um espaço privado, ou ainda, o espaço público é recriado em esferas menores e privativas (...) Os limites do respeito às regras e a possibilidade de coabitação e convivência social são correlacionados aos níveis de renda que permitem o acesso a esse tipo de espaço seletivo e controlado, limpo e regulado, que se opõe figurativamente ao verdadeiro espaço da rua - público, aberto, aberto e inseguro, sujo e anárquico.” (GOMES, 2006 p. 187)

Essa oposição é o que promove a drástica separação entre um e outro. De um lado o sofrimento e a sobrevivência a partir de leis e regras particulares, de outro os que, com acesso, seguem com medo do lado oposto. O espaço construído sob as regras de grupos identitários é (...) a negação do ideal de mistura e de respeito à diferença no qual se baseia o espaço público (...) o aumento de territórios identitários significa uma diminuição dos espaços públicos na cidade (GOMES, 2006 p. 182), e a interação, cada vez mais escassa, contribui para o crescimento da hostilidade entre os diferentes grupos. Fica ainda mais simples se pensarmos na própria palavra “comunidade”. A descrição comumente usada para habitantes das favelas, subproduto da vida moderna, deixando clara a diferença de dinâmica e valores de um grupo em relação aos demais (GOMES, 2006 p. 182).

O contraste de valores e da própria cultura são ao mesmo tempo produto e alimento para a segregação, ao entendermos que “cultura” e “civilização” são palavras há um só tempos descritivas (como civilização asteca) e ao mesmo tempo normativas: denotam o que é, mas também o que deve ser (basta pensar no adjetivo “civilizado” e seu oposto “bárbaro”)” (CEVASCO, 2016, p. 10) percebemos uma espécie de justificativa para a segregação e o medo. Paulinho e o Guardador fazem parte dos bárbaros dos quais os endinheirados fazem questão de se manter distantes, fixando brutalmente uma barreira quase intransponível, superada por Paulinho, mesmo que pela via do crime, e paralisante para o “marginalizado consciente” representado por Jacarandá.

CONCLUSÃO

Percebemos ao longo do trabalho como os textos deixam para nós claras as marcas da modernidade, e como essas marcas são as responsáveis por boa parte da dinâmica social e, logo, pelas identidades forjadas em seu epicentro.

Constatamos que, tanto Paulinho, quanto O Guardador, parecem ter a sua identidade “preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros, surgindo não da plenitude da identidade que já está

dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza (HALL, 2011, p. 39), sendo essa uma das características principais do homem moderno e pós-moderno.

É nítido como as identidades e os territórios se cruzam, interferindo diretamente uns nos outros. Grupos passam a estabelecer um domínio sobre determinadas áreas, reafirmando suas diferenças e oposições em relação aos demais, confirmando como os espaços, o poder e as identidades andam, não em harmonia, mas moldadas umas pelas outras e pelas constantes contradições dos espaços urbanos modernos.

As cidades aparecem ao longo das narrativas como mosaicos, preenchidos por pequenos e grandes grupos. A metrópole moderna, diversa, intensa, aglomerada, hostil, violenta, coloca os seres marginais em um campo de batalha constante. Aqueles que cedem à banditização como forma de sobrevivência recebem “nome de guerra”, como no caso de Paulinho, os que se recusam a cruzar essa linha são atropelados pela feroz velocidade das máquinas, das pessoas e do dinheiro, estando cada vez mais a margem, beirando a não existência.

É possível que, para alguns, a vida nas metrópoles dê a impressão de democratização plena dos espaços, sob os holofotes e placas neon dos grandes centros, como coloca Berman: “A modernidade tem poder de criar show de aparências, modelos brilhantes, espetáculos glamourosos, tão deslumbrantes que chegam até a cegar os indivíduos mais perspicazes para a permanência de sua própria vida interior.” (BERMAN, 1986 p. 165/ 166), mas está é uma visão que, para aqueles colocados à margem, inevitavelmente, vai dando lugar a descrença imposta pela ferocidade da realidade cotidiana, em que a segregação, a violência e o crime são tão comuns como quaisquer outras estratégias de sobrevivência.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ANTÔNIO, João. *Leão-de-chácara*. 7. ed. São Paulo: estação liberdade, 1989.

ANTÔNIO, João. *Abraçado ao meu rancor*. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. 2001. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

CELLE DONNE, Marcella. *Teorias sobre a cidade*. Lisboa: Edições 70, 1990.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2016.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro, 11. Ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

GOLDMANN, Lucien. *A reificação*. In: *Dialética e cultura*. Civilização Brasileira, v. 16, p. 32-54, 1967.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária. Uma introdução*. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Beca, 1999

HOBSBAWM, Eric. *Bandidos*. Tradução: Donaldson Magalhães Garschagen. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1976.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Índice Remissivo

A

Acción semio-técnica 115, 117, 118, 119, 121

Alícia Vega 243, 244, 245, 246, 247, 252

Alteridade 91, 93, 98, 99, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 210, 211, 212, 214, 224, 250

Análise de Discurso Crítica 1, 2, 7, 19

Análise do Discurso 8, 20, 22, 32, 33, 34, 38, 39, 43, 47, 65, 81, 83, 84, 86, 90, 125, 126, 128, 135, 173, 174

Argumentação 14, 16, 17, 32, 34, 35, 41, 46, 47, 101, 125, 127, 136

Autoconfiguración 200

C

Cacaso 173, 174, 175, 176, 182, 185, 189

Cinema 102, 104, 184, 185, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262

Cinema e Educação 243

Coluna de opinião 124

Competência discursiva 20, 23, 25, 26, 28, 30, 126

Crônica literária 219, 222, 229, 233

D

Dialogismo 22, 46, 91, 93, 94

Dictadura 200, 201, 202, 203

Discurso 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 54, 53, 57, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 107, 108, 110, 112, 114, 115, 117, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 139, 140, 142, 146, 158, 164, 175, 176, 177, 183, 189, 203, 211, 214, 216, 227, 237, 246

Discurso constituinte 20, 21, 26, 31

Discurso político 7, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 41, 44, 47, 65, 66, 69, 80, 90

Discurso religioso 20, 26, 31

E

Educação estética cinematográfica 243

Espaço Escolar 159, 260

Estilística 149, 156, 158, 173, 174, 175, 176, 189

Ethos 32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 59, 60, 61, 62, 64, 113, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135

F

Facebook 65, 66, 67, 68, 69, 70, 73, 75, 79, 80, 146

Futebol 20, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148

G

Gênero 4, 5, 10, 22, 37, 47, 70, 75, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 107, 108, 133, 136, 139, 142, 144, 148, 150, 156, 163, 171, 176, 177, 180, 200, 201, 202, 203, 212, 215, 226, 227, 241

Grupo Escolar 173, 174, 177, 180, 181, 184, 185, 187, 188

H

História das Mulheres Latinoamericanas 243

I

Identidades 5, 8, 12, 13, 19, 33, 38, 41, 42, 65, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 85, 86, 90, 129, 138, 143, 144, 146, 152, 162, 165, 182, 190, 191, 197, 198, 211, 213, 214, 234, 236, 238, 239, 242, 262

Identidade Sonora 234

Interculturalidad 48, 49, 50, 53, 54, 55

Interculturalidade 49, 208, 209, 217, 242

Intolerância Religiosa 2, 5, 6, 18

J

João Antônio 190, 191, 192

K

Kichwa 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64

L

Leitura compartilhada 219, 220, 230

Linguagem 19, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 43, 44, 46, 65, 73, 79, 85, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 106, 135, 151, 155, 163, 164, 170, 178, 184, 212, 221, 224, 225, 226, 227, 228, 231, 232, 248, 249, 253, 255, 256, 257, 258, 260, 261

Literatura 83, 97, 98, 108, 151, 158, 161, 171, 179, 190, 191, 200, 201, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 222, 224, 228, 230, 231, 232, 233, 242, 245

M

Manoel de Barros 159, 160, 161, 165, 166, 170, 171, 172

Martín Kohan 200, 201, 202

Modernidade 90, 139, 148, 190, 191, 192, 196, 197, 198, 239, 242, 262

Modos de operação ideológica 1, 2, 5, 8, 9, 18

Mudança 16, 19, 32, 40, 41, 43, 45, 46, 85, 86, 97, 133, 139, 164, 191, 192, 195, 196, 229, 234, 235, 239, 257

Música armorial 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241

Música em Pernambuco 234

P

Plurilinguismo 208, 213, 214, 218

Poema e poesia 149, 156

Poema metalinguístico 149

Prácticas agrarias 111, 115

Protagonismo leitor 219

R

Redação do Enem 91, 92, 93, 101, 102, 107, 108

S

Semiótica del espacio 110, 111, 112, 116, 121, 122, 123

Sociedade 6, 11, 12, 15, 19, 21, 24, 40, 41, 47, 69, 70, 85, 86, 102, 103, 104, 105, 129, 137, 138, 142, 143, 147, 148, 159, 162, 192, 193, 210, 211, 212, 216, 217, 228, 239, 246, 247, 253, 254, 255, 257, 258, 261

T

Texto literário 159, 160, 161, 162, 163, 164, 171, 208, 211, 212, 219, 222, 223, 224, 231, 232

Torcida 28, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 148

U

Urbano 12, 190, 191, 192, 193, 196, 198

Uso de tecnologia 81, 83, 89, 90

W

WhatsApp 81, 82, 83, 87, 88, 89



**EDITORA
ARTEMIS**